

Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

Associado à Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP

Rua Ceará, 2 – 01243-010 – São Paulo SP – Tel. (5511) 3824-9633 Fax 3825-2637

www.braudel.org.br / ifbe@braudel.org.br

Por que não lutar?

Reflexões inconvenientes sobre as eleições de 2002

Norman Gall

Norman Gall é diretor executivo do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial. O artigo expressa o ponto de vista do autor e não necessariamente o do Instituto.

18 de agosto de 2002

“Será a maior campanha feita por qualquer presidente,” Harry Truman escreveu para sua irmã no outono de 1948. “Ganhar, perder ou empatar, o povo saberá o que defendo.”

Naquele outono de 1948, o presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, se empenhou numa campanha para reeleição vista como impossível. Todos os jornais importantes do país estavam contra. Típico era o comentário de *The Los Angeles Times*: “Mr. Truman é o maior trapalhão visto num alto cargo em muito tempo nessa nação.” Segundo *The Baltimore Sun*, uma vitória de Truman “seria uma tragédia para o país e para o mundo.” Seu Partido Democrata rachou em três bandas, cada um com seu candidato presidencial. As pesquisas de opinião mostraram tanta rejeição a Truman que Elmo Roper, um guru do ramo, parou de perguntar aos eleitores dois meses antes da votação, observando: “Toda minha inclinação é de declarar a vitória de Thomas E. Dewey

[candidato Republicano e governador do Estado de Nova York] com uma grande margem e dedicar meu tempo e esforços a outras coisas.”

Com tanto tumulto em seu partido, em seu país e no mundo, com escândalos e caça às bruxas contra “comunistas” em seu governo, no começo da Guerra Fria, com Berlim sitiada pelo exército russo, era difícil para Truman decidir a se candidatar. Mas uma vez decidido, não havia dúvidas. Por 33 dias, Truman atravessou o país, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, no trem Presidencial, cobrindo 35.085 km. a uma velocidade de 130 km. por hora, discursando em voz apaixonada, com linguagem simples e popular, de cinco a dez comícios por dia numa tribuna improvisada no último carro. Em cidades pequenas e grandes e em vilas agrícolas ao lado dos trilhos, na campanha eleitoral mais dramática de toda a história da democracia ocidental, Truman falou quase todos os dias: “Não peço que votem em mim. Peço que votem em vocês”.

Nem os membros mais íntimos de sua equipe, acompanhando Truman por lealdade nessa epopéia de esforço e cansaço, acreditavam na possibilidade de vitória. O presidente teve que fazer um apelo urgente até para financiar a saída do trem de Washington. Não havia dinheiro nem para comprar tempo no rádio. Três semanas antes da votação, a revista *Newsweek* publicou o resultado de uma pesquisa de prognósticos eleitorais entre os 50 principais cronistas políticos americanos, entre eles vários que acompanharam Truman nos trilhos. Dos 50, ninguém achou o presidente capaz de vencer. Mas o povo compareceu. Um amigo meu, o comentarista político Fletcher Knebel, já falecido, estava no trem e lembrou depois:

A neblina da madrugada vestia as colinas e o sol ainda não apareceu. Mas junto dos trilhos, enchendo o horizonte em todos os lados, estava essa massa incrível de gente. Pais colocavam seus filhinhos em seus ombros para que pudessem ver. Moleques subiram em árvores e tetos. Avós esperavam em pé junto com lavradores em macacões. Nós, os expertos da imprensa, falamos dessa gente e decidimos que não significava nada. “Qualquer um sairía pra ver o presidente. Mas isso não vale dizer que votarão em Harry Truman.” Ele vai perder. Assim acreditávamos, por que assim escrevíamos todos os dias.

Mas Truman ganhou. Ganhou porque defendia seu governo com palavras de fogo, invocando o progresso dos últimos anos e atacando o Partido Republicano como instrumento de Big Business que ia explorar o povo e reverter os ganhos de justiça social. Nunca citou o nome de seu adversário Dewey, favorito da imprensa e das pesquisas, que titubeava. Dewey achou que já tinha a eleição em seu bolso e não respondeu aos ataques, pensando que só teria desgaste entrando em controvérsia. Na noite dos votos, Dewey foi dormir acreditando que já era presidente-eleito. Acordou para saber que Truman havia ganhado em 28 dos 48 estados, com margem popular de 2,1 milhões de votos.

O que tem que a ver essa história com nossa eleição no Brasil? Para responder a essa pergunta, devemos fazer outra: O que está defendendo nosso governo? Truman estava defendendo um movimento de justiça social que surgiu na Depressão da década de 1930. Nosso governo está defendendo um regime que consolidou a democracia e a estabilidade econômica no Brasil, com grandes ganhos no padrão de vida da população. Certo, houve fracassos e erros, mas os ganhos estão aí. Então, por que o governo se defende tão mal?

Pode ser na escolha de candidato. É óbvio que José Serra não é candidato ideal, como Truman não era candidato ideal em 1948. Também o partido fraco dos tucanos está em frangalhos, como estava o Partido Democrata naquela época. Em sua coluna do domingo passado, Dora Kramer lembrou que Mário Covas havia recomendado que Serra se candidatasse para governador de São Paulo em vez de presidente em 2002, porque o povo está cansado dos tucanos e vai perder. Melhor, dizia Covas, esperar até 2006 para tentar a Presidência. Serra nunca foi favorito nas pesquisas. Mas isso não explica por que, uma vez candidato, Serra não defende o governo melhor. Nessa altura do campeonato, não tem nada para perder.

Essa falta de defesa está abrindo o Brasil para mais uma aventura de populismo que nunca deu certo, nem no Brasil nem no resto da América Latina. Não deu certo com Perón na Argentina, com Ibañez e Allende no Chile, com Alan García no Peru, com Collor no Brasil e com Chávez na Venezuela. Nossas sociedades têm problemas institucionais que não se resolvem com grandes gestos

dos fenômenos eleitorais, que na maioria dos casos produzem fracassos que exigem anos dolorosos de recuperação.

O tremendismo de Ciro Gomes, com falta de disciplina e discurso exagerado de líder estudantil, conseguiu colocar Lula no papel de bonzinho frente às classes econômicas, por falta de outras opções. Lula é um homem honesto e decente que desenvolveu uma vocação de sobrevivência desde que nasceu na poeira lá no interior de Pernambuco. Mas Lula tem muito para aprender. Não temos idéia de como o próximo governo vai enfrentar as dificuldades que vem acumulando.

Muitas das dificuldades financeiras imediatas, do câmbio e do risco Brasil, foram provocados por eventos lá fora, como as falências espetaculares de grandes empresas norte-americanas, comprometendo os grandes bancos, e as quedas das bolsas internacionais. Mas desnudaram problemas estruturais internos que qualquer governo terá que enfrentar para que o Brasil não ande para trás nos antigos trilhos da inflação crônica.

O governo de Fernando Henrique Cardoso tem muito para defender. Será que o povo brasileiro não entende a importância da estabilidade? Com tudo que possa existir de errado na vida pública, será que o povo não tem intuição de que o Banco Central, o Ministério da Fazenda e a nova Lei de Responsabilidade Fiscal cuidam bem dessa estabilidade? Com toda a violência e desemprego nas grandes cidades, será que o povo não sente que os salários duram além da segunda ou terceira semana do mês; consome mais carne, frango e leite; compra mais cimento para construção da casa própria e dentro dessas casas, até em lares humildes, têm mais telefones e muitos eletrodomésticos que não tinham antes? Seria que os eleitores ficarão surdos a esse discurso: “Já conseguimos a estabilidade. Agora precisamos nos organizar melhor e fortalecer as instituições públicas”.

A vida política do Brasil não está ao serviço da ambição de José Serra nem da vaidade de Fernando Henrique Cardoso, mas precisa muito mais deles. Em suas conquistas políticas, Fernando Henrique mostrava seu charme e superioridade intelectual em minuetos com os barões do Congresso, cedendo a eles poderes para tratar problemas difíceis como segurança pública e energia elétrica, com resultados que assistimos ultimamente. A candidatura de Serra é produto da longa,

tortuosa e ambivalente amizade entre ele e o presidente. Serra é um político de bastidores. Não fala bonito, nem é o candidato mais simpático, mas com longa experiência domina os problemas fiscais que nos vão a desafiar para garantir a estabilidade conquistada na última década.

Fernando Henrique precisa agora defender seu governo e lutar por essa candidatura nas ruas e vilas do país. Não há impedimento, moral ou legal, que impeça ao presidente em exercício lutar por seu candidato. Ele fazia isso por si mesmo em 1998. Ainda que o Serra parece ter poucas chances hoje de vencer no pleito de outubro, a intervenção do presidente pode mudar o teor da campanha eleitoral e ajudar dar rumos mais seguros para o novo governo.

As condições no Brasil de hoje são diferentes das que Truman enfrentou nos Estados Unidos de 1948. Naquela época, o Brasil tinha apenas 34% de sua população morando em cidades, pouco mais da metade da urbanização norte-americana, enquanto o Brasil de hoje tem proporcionalmente mais população urbana (81%) que nos Estados Unidos (77%). Havia poucas estradas no Brasil. A expectativa de vida dos brasileiros ao nascer em 1950 era de 51 anos, contra 68 anos hoje, mais ou menos a mesma expectativa prevalecendo nos Estados Unidos em 1950. Na época de Truman, a rádio existia como meio de comunicação em massa há apenas duas décadas. Para campanhas políticas e uso comum, não havia televisão, Internet ou telefones celulares. Hoje as campanhas eleitorais são feitas em aviões e na televisão em vez de ferrovia.

Mas alguns princípios ficam. Em 1948 Harry Truman ganhou força e convicção de seu contato com o povo em sua grande epopéia eleitoral. Serra e Fernando Henrique podem andar juntos, fazendo o mesmo, defendendo seu governo. Então, por que não lutar? Falta espírito? Falta convicção? Não tem nada a perder. Nas palavras de Harry: “Ganhar, perder ou empatar, o povo saberá o que defendo.”

